

LEITURAS DE IMAGENS VERBAIS E VISUAIS EM *O VELHO*, DE MÁRIO QUINTANA

Dayse Oliveira Barbosa¹

Resumo: Este trabalho pretende evidenciar diferentes abordagens dos professores do ensino fundamental II e do ensino médio da rede estadual de São Paulo para o estudo em sala de aula das relações entre o texto *O Velho*, escrito por Mário Quintana, e as ilustrações desse texto realizadas por Rubens Matuck e André Neves, em distintas edições do livro *Sapato furado*.

Introdução

Este trabalho visa ao estudo de diferentes abordagens possíveis de serem realizadas por professores da educação básica do estado de São Paulo, tendo por base a relação do texto *O Velho*, escrito por Mário Quintana, publicado no livro *Sapato furado*, em diálogo com as ilustrações realizadas por Rubens Matuck e André Neves, respectivamente, para as editoras FTD e Global.

Dos quatro professores selecionados, dois trabalham apenas com ensino fundamental II há dez anos consecutivos e dois trabalham apenas com ensino médio pelo mesmo tempo consecutivo. Todos lecionam há aproximadamente 20 anos na rede estadual de São Paulo. São vinculados à diretoria regional de ensino de Itapevi, na Grande São Paulo, que engloba os municípios de Barueri, Jandira, Itapevi e Pirapora do Bom Jesus.

O texto *O Velho* foi escolhido devido à abordagem irônica que se faz da suposta vida após a morte. O tom de humor aliado à delicadeza da linguagem oferece leveza ao texto. Isso envolve o leitor mais facilmente na atmosfera textual.

Primeiramente, será apresentada a análise de *O Velho*. Em seguida, o texto verbal será relacionado às diferentes ilustrações.

Por último, serão apresentados os planos de aula dos professores, de maneira comparativa, enfatizando as aproximações e distanciamentos da abordagem proposta por cada professor.

O cotidiano após a morte

A narrativa *O Velho* inicia-se com o narrador afirmando que, em uma de suas costumeiras noites de “sonho acordado”, um amigo morto pediu-lhe um cigarro e começou a contar-lhe detalhes do cotidiano no Céu.

O amigo morto relata ao narrador que trabalha em um dos vários escritórios de estatística que existem no Céu. A tarefa dele consiste em contabilizar os que estão chegando e oferecer-lhes o número de identificação.

O amigo morto afirma também que Deus é conhecido como “o Velho”, referência direta ao tratamento que alguns filhos atribuem carinhosamente à figura do pai, aludindo à crença cristã da paternidade divina em relação a todos os seres humanos.

Esse amigo morto, que vive no Céu, acredita ter visto Deus apenas uma vez, quando era recém-chegado no Céu. O amigo morto estava realizando sua tarefa no escritório, quando apareceu de surpresa um velhinho muito simpático que inspecionava o trabalho de todos, de mesa em mesa. O recém-chegado errou uma palavra na hora em que o velhinho inspecionava o trabalho dele. O velhinho, então, o confortou dizendo “*Não foi nada... não foi nada*”.

¹ E-mail: oliveirab2010@gmail.com.

Ao retirar-se, já com a mão no trinco da porta, o velho virou-se para todos e despediu-se dizendo: “*Até outra vez, se Eu quiser!*”. Essa frase conclui o texto. Ela alude diretamente à expressão popular “Até quando Deus quiser!” ou “Até outro dia, se Deus quiser!”, que ressalta o poder de Deus sobre a vida dos humanos, interferindo ou determinando o transcorrer da existência física.

Essas são as principais características do texto escrito por Mário Quintana. Agora, serão apresentados aspectos de como as ilustrações de Rubens Matuck e André Neves relacionam-se com o texto escrito.

***O velho* conforme Matuck**

Matuck apresenta uma imagem que lembra uma figura humana com os braços abertos. Apesar de a figura ter sido posicionada na metade inferior da página, ela se destaca no todo da ilustração porque está completamente iluminada, principalmente, no eixo da cabeça até a metade do tórax, que concentra o maior brilho presente em toda a página. Não há nessa figura humana traços fisionômicos distintivos ou contornos físicos peculiares.

Ao fundo, há uma cor laranja muito forte, que se espalha pela página formando contornos similares ao de uma fogueira. As extremidades da cor laranja funde-se a tons vermelhos, lilás e roxo intenso que descem da parte superior da ilustração, enfraquecendo-se até atingir diferentes graduações de verde na medida em que se aproximam da imagem humana.

Em uma das bordas superiores da fogueira, em posição diagonal, em vermelho, há um pequeno tridente, com as lanças viradas para baixo, na direção da imagem humana. Mas, o pequeno objeto não chama a atenção e, se a ilustração não for observada com atenção, o tridente sequer é notado, devido ao brilho intenso da figura humana, ao laranja vivaz ao fundo e às demais cores que se congregam em torno dessa figura humana.

Outro aspecto interessante é a fogueira e o tridente, elementos representativos do inferno e do demônio, respectivamente. De acordo com algumas religiões cristãs, as pessoas de má conduta são condenadas ao inferno, onde queimam permanentemente em uma fogueira que nunca se extingue; enquanto queimam, as pessoas realizam trabalhos forçados e são constantemente espetadas pelo tridente do Diabo, responsável pela aplicação do castigo de todos os que são condenados por Deus ao inferno.

Na ilustração de Matuck fica evidente que o poder de Deus sobrepõe-se ao Diabo. Em primeiro lugar, o brilho intenso da figura humana; em segundo lugar, a figura está de braços abertos, posição que indica destemor, redenção e, ao mesmo tempo, afeto, pois lembra o gesto inicial de um abraço; em terceiro lugar, a figura de brilho intenso está em primeiro plano; em quarto lugar, os raios obscuros que partem da parte superior da ilustração depuram-se à medida que se aproximam da imagem humana, até se tornarem tons de verde, cor característica da cura, conforme as religiões espiritualistas; em quinto lugar, o tridente é insignificante em relação ao brilho que emana da imagem de braços abertos.

Por meio desses elementos é possível compreender que, apesar de compartilharem o mesmo espaço, a força divina é insuperável. Por isso, somente Deus percorre os espaços celestiais, perdoa incansavelmente e, inclusive, determina o tempo das ocorrências, como é explicitado na última frase do conto: “*Até outra vez, se Eu quiser!*”.

***O velho* conforme Neves**

Em Neves, o conto é grafado em letras pretas, sobre parte da ilustração. Em destaque, há um banco de madeira que lembra os antigos bancos de jardins. Um senhor de bastante idade está sentado nesse banco. Esse senhor apresenta proporções disformes, o rosto é muito maior do que o corpo.

Os traços do nariz e dos olhos destacam-se em relação à boca e às orelhas, que são quase imperceptíveis. As pernas e os braços extremamente finos, as rugas ao redor dos olhos e dos lábios, a calvície evidente no alto da cabeça, denotam a fragilidade física desse senhor.

Suas vestimentas não apresentam nenhum detalhe especial. Ele usa camisa branca de mangas longas, relógio bastante discreto no pulso direito, uma espécie de colete em tom pendente para o bordô, calça marrom com listras brancas horizontais e sapatos também marrons. O ornamento entre as peças desse senhor evocam simplicidade com graciosidade.

A fisionomia serena, a cabeça inclinada para frente e o olhar fixo em algum ponto do horizonte sugerem que ele contempla algo que está além do tempo e do espaço perceptível na matéria.

Ao fundo, há uma porta de madeira, cujo portal indica que a porta se abre para dentro da página, um possível convite para que o leitor abra “a porta dos sentidos” latentes nos textos verbal e visual, uma vez que a ilustração e o conto estão integrados no mesmo espaço. Assim, o leitor é instigado a, concomitantemente, decifrar o texto escrito (linear) e apreender os elementos da imagem (simultâneos). Isso intensifica o efeito da leitura, pois a atenção do leitor é exigida com maior intensidade.

Ao redor da porta, há uma parede de tom neutro, sobre a qual o conto está grafado. O tom neutro da parede realça o brilho dos azulejos do chão, que variam entre tons claros, neutros e mais escurecidos. Essas variações harmonizam o espaço visual, que não fica extremamente claro nem escuro.

Na ilustração de Neves, Deus é representado pela simplicidade das formas e das vestes, pela fragilidade física e, especialmente, pela penetrabilidade do olhar. Apesar da calma que Ele apresenta, é incapturável e indefinível o olhar Dele, que se fixa em algo além da ilustração, algo que pode ser, inclusive, o interior do leitor.

Por fim, a porta de madeira fechada sugere a discrição com que a vida é tratada no espaço celestial. A serenidade expressa por meio das cores do cenário demonstram que a presença divina apazigua e ordena o ambiente.

Diferentes professores, distintas abordagens

Os quatro professores que participaram desta pesquisa trabalham na rede estadual há aproximadamente 20 anos, estão na faixa etária dos 40 anos, dois deles lecionam apenas no ensino fundamental II há mais de dez anos, os outros dois lecionam apenas no ensino médio há mais de dez anos consecutivos. Todos eles são vinculados à Diretoria de Ensino de Itapevi, na Grande São Paulo.

Os professores de ensino fundamental II mencionaram que as duas edições do texto seria possível de ser abordada em todos os anos desse nível de ensino. Ambos os professores afirmaram que o estudo do texto verbal deve proceder ao do texto visual.

Em questão de metodologia, os professores mostrariam o livro aos alunos antes de iniciarem a abordagem da ilustração, deixando que os alunos manuseassem o material. Posteriormente, para o estudo mais detalhado, fariam a projeção da imagem por meio de recurso visual.

Os dois professores de ensino médio afirmaram que seria possível trabalhar tanto a edição da FTD quanto a da Global com os três anos do ensino médio, não elegeram uma série em que esse estudo seria mais cabível, mas também mencionaram que o terceiro ou quarto bimestre seria o mais indicado para a abordagem da relação entre texto verbal e visual porque os professores o consideram mais complexo, logo, é necessário que os alunos tenham uma bagagem maior de conhecimentos prévios.

Depois do levantamento dos elementos textuais inicia-se o estudo da ilustração, focalizando a maneira como o texto é apresentado por meio da ilustração. Para esse estudo, é essencial o recurso visual (projeção da imagem).

É necessário que este estudo seja ampliado para que se possa tecer considerações mais sólidas a respeito do trabalho com o texto literário ilustrado na educação básica, no entanto, os quatro professores demonstraram aspectos em comum, que nos sugere reflexões sobre a temática do texto literário ilustrado na sala de aula.

Primeiramente, os professores evidenciaram, por meio da escolha de séries tão distintas, que não há idade previamente estabelecida para a apresentação de determinados textos literários aos alunos, como *O Velho*, por exemplo.

Também ficou evidenciado que o mais essencial no estudo tanto do texto verbal quanto da ilustração é a metodologia empregada, visto que cada professor dispõe de recursos materiais específicos, cada série conta com um currículo próprio e que o livro literário, especialmente, o livro literário ilustrado é artigo raro nas escolas públicas não só da rede estadual paulista, mas também de todo o Brasil.

Cabe mencionar que não foi o foco deste trabalho a análise da metodologia dos professores, pois para isso seria necessário uma pesquisa mais aprofundada, envolvendo questões didáticas.

Dessa forma, os professores do ensino fundamental II e os do ensino médio ouvidos neste trabalho, demonstram que a abordagem das relações entre o texto literário e a ilustração é um dos mecanismos eficazes para ensinar alunos, de diferentes níveis de ensino, a traçar relações entre linguagens distintas. Contudo, para que essa abordagem seja bem realizada são necessários recursos que ultrapassam a boa vontade e a competência dos professores.

Considerações finais

Neste trabalho foi apresentado como quatro professores sugerem a elaboração de planos de aula que visem o estudo das relações construídas entre conto *O Velho* e as ilustrações compostas por Rubens Matuck e André Neves, em diferentes edições da obra *Sapato furado*, de Mário Quintana.

Apesar de utilizarem diferentes abordagens, os professores afirmaram que é possível trabalhar as relações entre o texto *O Velho* e as ilustrações de Matuck e Neves com o intuito de estimular os alunos, de níveis de ensino distintos, a refletir sobre o diálogo entre diferentes linguagens.

Assim, ficou perceptível que os professores consultado, tanto do ensino fundamental II quanto do ensino médio, não desvalorizam a importância do texto literário em sala de aula, reconhecem que a ilustração junto ao texto literário atua na construção de sentido, contudo, o cotidiano em sala de aula precisa ser voltado ao cumprimento de temas pré-estipulados, determinados, sobretudo, pela matriz curricular da rede estadual.

Referências

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1991.

QUINTANA, Mário. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1997.

_____. *Sapato furado*. São Paulo: Global Editora, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

LEITURAS DE IMAGENS VERBAIS E VISUAIS EM *O VELHO*, DE MÁRIO QUINTANA

SÃO PAULO. *Curriculum do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. São Paulo: SEE, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Unidades de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2008.